

Henrique Monteiro



FOTO GETTY IMAGES

ANTES QUE ME ESQUEÇA



BERLIN
"Tudo é o que é: liberdade é liberdade, não igualdade ou equidade, ou justiça, ou cultura, ou felicidade humana, ou uma consciência tranquila. Se a minha liberdade, ou a minha classe, ou nação,

dependem da miséria de um número de seres humanos, o sistema que a promove é injusto e imoral. Mas, se me privo, ou perco a minha liberdade com o objetivo de diminuir a vergonha de tamanha desigualdade, e desse modo não aumento materialmente a liberdade individual dos outros, uma perda absoluta de liberdade ocorre." Isto escreveu, em 1958, Isaiah Berlin, um pensador judeu nascido em Riga, mas que se tornou britânico, professor de Oxford. No seu ensaio "Dois Conceitos de Liberdade", define a liberdade positiva e a liberdade negativa. E se nesta não se é constrangido ou obstaculizado por nada nem ninguém (a liberdade de consciência, por exemplo), a liberdade positiva requer o direito de cada um escolher os seus fins ou objetivos, bem como os meios para atingi-los; estes, ao chocarem eventualmente com outros objetivos e fins, têm de ser limitados. A divisão parece insignificante, mas é bastante vasta. Em "A Ideia da Liberdade" e nos "Dois Conceitos" o tema é amplamente abordado. O mal é mesmo mais definível do que o bem, como afirmo aqui no texto maior.



OUTRO BERLIN
No inverno de 1944, em plena II Guerra, Churchill perguntou quem escrevia os sumários políticos da Embaixada dos EUA, que eram particularmente bons. Disseeram-lhe que era um

tal Isaiah Berlin, de Oxford. Quando, pouco depois, o famoso compositor de música popular Irving Berlin chegou ao Reino Unido para animar as tropas, Churchill confundiu os nomes e convidou-o para almoçar. Tudo correu bem até que o primeiro-ministro de Sua Majestade perguntou por uma obra de Berlin que este recomendasse. Irving respondeu: a mais importante que escreveu foi "I'm Dreaming of a White Christmas", uma ainda popular música de Natal. Mais tarde, Churchill contaria esta história com humor e os seus pormenores podem ser lidos na página da International Churchill Society. Irving era 21 anos mais velho do que Isaiah e foi o compositor de "Cheek to Cheek" e "Puttin on the Ritz", outros grandes sucessos.



PROUST DA PAPUA
A Saul Bellow, escritor americano nascido no Canadá, Nobel em 1976, é atribuída a frase: "Onde está o Proust da Papua? Quando os Zulus tiveram um Tolstoi..." Na verdade, disse-o num debate antropológico sobre literatura e sociedades. Mais tarde, em 1994, no "NYT", lamentava não se poder abrir a boca sem ser tomado por racista e monstro. Isto dura há tempo demais. Também não voto em gente que só quer "cancelar" outros.

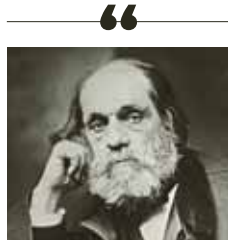
E SE AS ELEIÇÕES FOSSEM DIFERENTES? (UM GUIA A 'PUXAR' PELO MELHOR QUE CADA PARTIDO TEM)

Podem ser acessos de loucura, mas várias vezes dei comigo a interrogar-me por que razão votamos positivamente. Ou seja, não seria mais honesto — para os resultados e para nós próprios — votarmos de forma negativa? Assinalar os que rejeitamos que vão para o Parlamento e, obviamente, para o Governo? É um pouco estranho, bem sei, mas pensando um pouco chega-se à conclusão que é mais fácil definir o mal do que o bem. O mal — morte, doença, guerra, miséria, etc. — não tem praticamente discussão. Já o bem, cada um define o seu: sabedoria, lazer, cultura, descanso, trabalho, riqueza, ascetismo...

Como, pessoalmente, já votei, posso dizer que existem aspetos de todos os programas e partidos que me agradam, mas há também facetas de todos eles que detesto. Nuns mais, noutros menos, seria isso a definir qual (ou quais) os partidos que, por mim, não entrariam no poder. Desde logo os que não acreditam na liberdade de escolha, que defendem a pena de morte e os que acham a igualdade um valor igual ou superior ao da liberdade. Depois, os que colocam os animais com direitos, os que pretendem a saída do euro e os que não aceitam a NATO; por último, os que dividem todos os aspetos da vida entre direita e esquerda ou, pior, entre bons e maus. E os que querem o Estado a imiscuir-se em tudo.

Porém, isto não invalida que encontre em todos os partidos lados

positivos. No BE, por exemplo, gosto de algumas ideias de combate à corrupção e ao enriquecimento ilícito; bem como da sua independência em relação a regimes como o de Angola (que, infelizmente, não alargam à Venezuela e Cuba); na CDU agrada-me a seriedade e responsabilidade com que encaram os compromissos; em eleições autárquicas já votei neles e não me senti defraudado, embora discorde completamente do seu múnus e ideologia. No Livre atrai-me o seu europeísmo democrático e gostaria de discutir com mais profundidade o rendimento básico incondicional. No PAN, embora deteste a humanização animal, o seu ímpeto proibicionista e a sua dieta alimentar recomendada, reconheço que têm certas ideias ambientais que são interessantes discutir. No Chega repugna-me a pena de morte ou a castração química, mas não nego que seja necessário um cúmulo jurídico diferente para crimes especialmente violentos, ou que as forças de segurança tenham mais proteção. No CDS gosto da subsidiariedade, que é a ideia personalista cristã do Estado Social, mais centrada no indivíduo e menos na rede de subsídios; foi esta ideia e a do *Welfare* (ou Estado Social) que desenvolveram a Europa até ao ponto em que todos concordam com o apoio aos desfavorecidos e aos que não podem prover-se a si próprios. Na Iniciativa Liberal gosto de muita coisa, sobretudo da discussão da *flat tax* e da justi-



Reza pelos deputados, Dr. Hale? Não, quando olho para eles rezo pelo país

Edward Everett Hale (1822-1909), escritor, historiador e religioso americano, de Harvard, envolvido na causa antiesclavagista. A sua estátua está no Boston Common

ça fiscal, bem como da ideia de o Estado se imiscuir menos na vida dos cidadãos. No PSD agrada-me a descida do IRC e a visão do SNS como um sistema integrado com base pública, mas grande participação dos sectores social e privado, que esteja centrado no paciente, ou utente (palavra que detesto) e não na querela ideológica. O PS tem a sua história de altos (Soares) e muito baixos (Sócrates), mas além

da vertente claramente europeísta e ocidental (NATO), apresenta propostas nas transições energética e digital moderadas e necessárias. Aliás, o PSD e o PS diferem pouco nos temas essenciais, sendo que o pior do PS é o facilitismo na educação e a sua cederia à extrema-esquerda na agenda fraturante.

Acaso a votação fosse por rejeição, teria de saber quantos partidos podia não rejeitar — tendo que ordená-los, ou não. E como sou e defendo uma política ao centro, se tivesse três para não rejeitar, seriam o PS, o PSD e a IL (se Pedro Nuno Santos tomasse o PS, a minha posição certamente mudaria).

Tudo o que aqui escrevi tem um fito: demonstrar que as divisões são muito fabricadas, exageradas; que os papões são escusados e as juras são mentiras. Costa é melhor do que o programa do PS; o programa do PSD é melhor do que Rio. A IL tem um défice quando olha para o sector social, mas tem imensas virtudes quando quer reformar, de cabo a rabo, um Estado que PS e PSD engordaram até o tornarem incapaz de se mover, de ser ligeiro. As escolhas não são simples, mesmo tomando apenas os aspetos positivos, e já seria tempo de uma frase dita por Costa (para agradecer ao eleitorado) ser, de facto sentida: o nosso chão comum é este país; um país de liberdade, integrado na Europa e na aliança Ocidental. Quem é contra, nunca terá o meu voto em legislativas.

hmonteiroexpresso@gmail.com

OS DIAS QUE ME OCORREM

GUERRA

Assunto ausente da campanha, pouco presente na nossa vida quotidiana, enche as páginas dos jornais de todo o mundo. O que se passa na fronteira russo-ucraniana é a prova da frase do velho Talleyrand, segundo a qual os regimes mudam, mas os interesses perenes das nações mantêm-se. A Rússia acha-se com direitos sobre a Ucrânia e pretende impedir que ela adira à NATO. Esta não pode, pura e simplesmente, dizer que, a pedido de Putin, recusa Kiev. A Rússia pressiona; há o problema do abastecimento do gás; mas há o poderio económico da UE que faria bastante mal

a Moscovo. Os impasses sucedem-se e o problema agrava-se, tanto mais que um pequeno passo em falso pode desencadear um conflito armado de proporções graves para a Europa e o mundo.

VIVA A FESTA

O seu nome é Johnson, Boris 'Party' Johnson. Anda a ser investigado pelas festas que deu (ou deram por ele) em Downing Street. O mesmo Boris que já havia sido bastante exagerado na sua campanha pelo 'Brexit', esclausou um pouco a performance e chegou mesmo, segundo tudo indica, ao patamar da mentira. Isso (e não as festas) será o mais grave. Um primeiro-ministro

de Sua Majestade mentir ao Parlamento do Reino Unido. Penso que já está de saída.

MÁS NOTÍCIAS

Tirando em Portugal, onde, a avaliar por muitos candidatos, teremos um país onde escorrerá o leite e o mel, a situação do mundo está complexa. Como dizia um estadista há mais de 100 anos, a política tornou-se insolúvel e a economia demasiado complexa. A inflação continua o caminho ascendente, as revisões em baixa do crescimento económico para 2022 amontoam-se, as previsões para 2023 são de molde a assustar. Para onde caminhamos? Eis algo

que ninguém sabe (e aqui no retângulo parece que poucos querem saber).

PESCA

Em 1994, cobri para o Expresso as primeiras eleições moçambicanas. Em Cabo Delgado, numa aldeia de maioria muçulmana, junto ao mar (onde agora ocorrem os crimes de radicais islâmicos e na altura viviam em paz e harmonia todas as comunidades), um velho homem, quando lhe perguntei o que faria se a Renamo ganhasse, respondeu-me: "No dia seguinte vou à pesca." E eu, na minha inocência, insisti: e se for a Frelimo a ganhar? O velho, munido de toda a

paciência, respondeu: "No dia seguinte vou à pesca." E por que responde assim? E ele: "Não entendeu? Sou pescador!" Às vezes penso nisto quando vejo tanta gente a rasgar vestes nas campanhas eleitorais.

FANTASMAS

O "DN" noticiava ontem que há mais de um milhão de eleitores nos cadernos eleitorais que não votam. Ou já morreram (fenómeno que tem diminuído); ou emigraram (fenómeno a crescer). Conclusão, seja qual for a abstenção, convém tirar 10 pontos percentuais.

VOTEM
É isso! Eu já o fiz.